

Simonsen: 'bancos não são Papai Noel'

MONICA MAGNAVITA

"Não há o mínimo sentido nesta discussão de financiamento de déficit público através do acordo da dívida. Os bancos credores não são Papai Noel". A afirmação é do ex-Ministro da Fazenda e do Planejamento Mário Henrique Simonsen, membro do Conselho do Citicorp, maior credor do Brasil, para quem os US\$ 5,2 bilhões foi o máximo que o País poderia ter obtido depois de mais de um ano de moratória. Imaginar que os credores privados poderiam aprovar a concessão de US\$ 11 bilhões previstos no acordo idealizado pelo ex-Ministro da Fazenda Bresser Pereira, apenas para que o Governo financiasse seu déficit público, como fazia no passado, era mera ficção.

O acordo obtido pelo Brasil, disse Simonsen, foi o melhor possível depois que o País deixou os bancos a verem navios, já que resultou em **spreads** (taxas de risco) bem mais baixos e prazos mais favoráveis. "Os bancos sequer foram comunicados oficialmente da moratória. Eles receberam a notícia pelos jornais", afirmou ele.

— O acordo revela até uma boa vontade dos bancos com o Brasil —, disse Simonsen. A ovelha negra neste momento é a Argentina, que está com superávit comercial muito baixo, sem condições de pagar os juros.

Por outro lado, o acordo não é rígido. Se futuramente surgir algum problema, ponderou Simonsen, se o Brasil precisar de mais empréstimos para pagamento dos juros, ele pode ser reavaliado. As negociações são permanentes; este acordo não significa uma solução final para a dívida brasileira, porque até o momento, admitiu, ainda não se encontrou uma solução definitiva para a crise dos países endividados.



Mário Henrique Simonsen

O professor Simonsen não acredita que a geração de superávits elevados redunde inevitavelmente em recessão. Como exemplo, citou a Coréia, que vem mantendo altos saldos comerciais e mesmo assim tem crescido a taxas acima de 7%. Ainda sobre a questão do financiamento externo para o déficit, Simonsen, além de ter ressaltado que o controle do déficit é uma questão interna, acredita que se a situação não é a ideal, pelo menos a volta dos créditos oficiais vai ajudar a compensar a expansão da moeda. O pagamento dos juros também é um fator de contração, enquanto que, no que diz respeito à elevação das reservas, cabe ao País administrar seu superávit.

— Não há necessidade de se chegar a US\$ 16 bilhões, disse Simonsen. Seria razoável importar um pouco mais.